

O Brasil vai pagar caro a

30 DEZ 1983

JORNAL DA TARDE

O governo continuará pagando correção cambial mais juros sobre o contravalor em cruzeiros dos débitos externos quitados junto ao Banco Central. Através da Resolução 890, baixada ontem, as autoridades estenderam este compromisso ao reescalonamento da dívida realizado junto ao Clube de Paris, que o governo diz totalizar US\$ 3,8 bilhões — ainda que não saiba quanto deve a cada um dos 16 países filiados ao Clube; o valor das dívidas individuais será fixado em negociações bilaterais.

Já quando da conclusão das negociações em novembro, o governo foi surpreendido com uma dívida total junto ao Clube de Paris de cerca de US\$ 1,5 bilhão maior do que o contabilizado oficialmente. Segundo algumas fontes, a surpresa foi consequência da total desorganização das contas públicas. No entanto, no Ministério da Fazenda, a explicação é de que não se sabia que vários créditos possuíam aval de governos ou de instituições estatais estrangeiras.

A insistência do ministro Delmiro Neto em remunerar com juros (externos) e correção cambial os depósitos em cruzeiros feitos em nome de credores estrangeiros é considerada um mau indício para 1984. Mostra que as autoridades não pretendem promover uma ampla renegociação dos débitos externos; a dívida financeira do setor público continuará crescendo depressa, exigindo emissões de moeda ou de títulos públicos, o que pressionará os juros e a inflação.

Segundo fontes da Fazenda, o Brasil possui US\$ 124 milhões de dívidas em atraso, vencidas entre março e julho, junto ao Clube de Paris, e pretende pagá-las em três parcelas semestrais, em março e setembro de 1984 e em março de 1985.

Este dinheiro não está incluído na renegociação realizada pelo ministro Ernane Galvães, que abrangeu apenas os débitos vencidos entre 1º de agosto e 31 de dezembro de 1985. Contudo, a Resolução 890 se refere a financiamentos contratados antes de 31 de março deste ano e com vencimento até dezembro de 1984.

A renegociação com o Clube de Paris, concluída no mês passado, incluiu o principal e os juros da dívida. Nos termos do acordo obtido pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvães, o Brasil terá prazo de nove anos, com quatro de carência, para pagar US\$ 3,23 bilhões (85% do total) e três anos, com início em janeiro de 1985, para saldar mais US\$ 380 milhões (outros 10% da dívida).

Esta parcela de 95% da dívida renegociada com o Clube de Paris permanecerá em depósito no Banco Central, "em contas em moedas estrangeiras em nome dos respectivos credores". O Banco Central autorizou o fechamento de câmbio "para efetiva remessa ao Exterior" da parcela remanescente de 5% do total, no montante estimado de US\$ 190 milhões.

Queixas

Alguns bancos estrangeiros passaram a reclamar do Banco Central a falta de pagamento dos juros de empréstimos externos em atraso desde o final de setembro último, após o presidente do comitê de assessoramento da renegociação da dívida, William Rhodes, vice-presidente do Citibank, ter enviado telex, no último dia 13, para informar que os juros exigíveis até 4 de outubro tinham sido pagos.

Na semana passada — portanto, após o telex de Rhodes —, o diretor da Área Externa do Banco Central, José Carlos Madeira Serrano, admitiu que os juros estavam pagos até 27 de setembro e que, neste final de ano, a preocupação era mesmo chegar a 4 de outubro. Fontes do setor financeiro asseguraram que "estes pequenos casos" pendentes não atrapalham o relacionamento do País com os credores, uma vez que todos os bancos poderão fechar com tranquilidade os seus balanços.

As fontes observaram que a comunidade financeira espera que, até a reunião da próxima quarta-feira do comitê de assessoramento, o governo consiga quebrar a resistência de alguns países — sobretudo ingleses e árabes — de participar do pacote de renegociação da dívida, em fase final de montagem.

dívida externa em 1984

Aumenta o déficit comercial dos EUA

Embora estivesse sendo esperada, a queda de 0,4% observada nos principais indicadores econômicos dos EUA durante o mês de novembro — confirmado que a economia norte-americana crescerá menos em 1984 — desapontou os economistas da administração Reagan. Contudo, justificaram eles, "a tendência do índice principal ainda é de crescimento, embora nesse estágio do ciclo de recuperação se deva esperar algum desaquecimento".

Em relatório divulgado ontem, o Departamento do Comércio mostrou que o desempenho da balança comercial do país em novembro foi o segundo pior da história, com um aumento de 7,4 bilhões de dólares no déficit do setor, que deverá chegar ao final do ano num volume de 70 bilhões, bastante superior, portanto, aos 42,7 bilhões registrados em 1982.

Além da excessiva valorização

do dólar, e das elevadas taxas de juros norte-americanas, o déficit comercial dos EUA também vem sendo atribuído à queda das exportações agrícolas do país e ao renovado apetite dos norte-americanos por artigos importados. Com isso, apesar da baixa de 16,6% no custo dos produtos petrolíferos de todos os tipos em novembro, o total das importações naquele mês dos EUA atingiu 24,2 bilhões de dólares, enquanto as exportações ficaram em 16,8 bilhões.

Embora a crescente maré de produtos importados custe empregos aos norte-americanos, muitas autoridades econômicas do país já avisaram que as tentativas de bloquear o fluxo poderia ser ainda mais prejudicial a longo prazo. Apesar disso, é bastante provável que aumentem as pressões, por parte das indústrias, para a imposição de barreiras comerciais às importações.